

Unimontes institui a Cátedra Darcy Ribeiro

A Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes) aprovou, em 21 de maio de 2014, a criação da Cátedra Darcy Ribeiro. Instância destinada a fomentar o debate em torno do antropólogo, a cátedra foi instituída por meio da Resolução 064/2014 do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (Cepex) da instituição.

Instada por este fato, TERCEIRO MILÊNIO – REVISTA CRÍTICA DE SOCIOLOGIA E POLÍTICA publica, nesta seção de documentos, o ensaio “Darcy Ribeiro, um espírito solar”, do professor Renarde Freire Nobre, do Departamento de Sociologia da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). O texto foi originariamente apresentado no evento *Pensamento Social e Fazimentos de Darcy Ribeiro*, realizado em Montes Claros, aos 25 de outubro de 2015.

— O ensaio é uma celebração da figura exemplar do mestre Darcy Ribeiro, suscitado pela inauguração da *Cátedra Darcy Ribeiro* no âmbito da Unimontes – escreve o autor.

Darcy Ribeiro, um espírito solar

Darcy Ribeiro, a solar spirit

RENARDE FREIRE NOBRE

RESUMO

O ensaio é uma celebração da figura exemplar do mestre Darcy Ribeiro, suscitado pela inauguração da *Cátedra Darcy Ribeiro* no âmbito da Unimontes – Universidade Estadual de Montes Claros. O texto apresenta a figura de Darcy como uma alma artística, multifacetada, incorporando as “peles” de etnólogo, educador, político e escritor, mas sobretudo uma alma capaz de iluminar, criar e reverberar afetações em cada um dos seus campos de atuação.

Palavras-chave: Darcy Ribeiro; Alma artística; Povo brasileiro

ABSTRACT

The test is a celebration of the exemplary character of Darcy Ribeiro master, raised by the inauguration of the Chair Darcy Ribeiro under the Unimontes – State University of Montes Claros. The text presents Darcy as an artistic soul, multifaceted, incorporating the “skins” of ethnologist, educator, politician and writer, but above all a soul able to illuminate, create and innovate in each of these fields.

Key words: Darcy Ribeiro; Artistic soul; Brazilian people

Este ensaio é uma celebração¹. Celebremos o acontecimento Darcy Ribeiro, um acontecimento artístico no seio da cultura, porque Darcy é uma alma artísti-

1 Texto originalmente apresentado no evento *Pensamento Social e Fazimentos de Darcy Ribeiro*, realizado na Unimontes, Montes Claros, em 25 de outubro de 2015, dentro do *Projeto de Ensino – Cátedra Darcy Ribeiro*.

ca. Uso o verbo no presente de propósito, pois um dos traços distintivos de uma alma artística é o dom de irradiação e permanência. Esse dom decorre de um fato raro, um raio de iluminura que impinge a alguns a arte de viver para as suas obras, de conferir às obras vitalidade e de fazer da própria vida um jeito de gozar.

Em um encontro na PUC de São Paulo a gente vê o homem Darcy entrar amparado no auditório, confessando-nos, em certo momento da conversa, que talvez ele não tenha mais tempo para finalizar um livro. Mas o que menos se vê ali é a velhice ou o fim, como se a jovialidade para defesa das ideias, a verve da provocação bem humorada, a oxigenação das esperanças e as estripulias da fala, que tanto o distinguem, apagassem em Darcy qualquer sinal de fim ou de morte. Há também uma foto dele, careca – provavelmente em tratamento contra o câncer – portando um sorriso frouxo, em uma expressão impeditiva de qualquer piedade, esse sentimento tão infeliz. Não tenho certeza, mas é bem provável que Darcy estivesse na companhia da morte, ao menos desde a descoberta da doença, o que, segundo consta, se deu ainda no exílio. O impressionante é que tal condição, além de levá-lo a tratamentos e cuidados, o torna mais ambicioso para finalizar os seus *fazimentos*.

A safra das almas artísticas se dispersa pelos tempos, reunindo indivíduos originais e distintos, indivíduos não contentes de se dedicarem às tarefas rotineiras ou seguirem tradições, indivíduos da estirpe de um Prometeu, Ulisses, Da Vinci, Dom Quixote, Dona Maria da Cruz, Antônio Conselheiro, Van Gogh, Gaudí, Picasso, Bispo do Rosário, Charles Chaplin, Glauber Rocha, Antônio Lopo Montalvão e tantos outros tipos solares, reais, míticos ou ficcionais. Darcy Ribeiro encaixa-se folgadoamente nessa lista.

A melhor forma de celebrar é mostrar o homem. Drumond nos diz: “Darcy é um monstro de entusiasmo que nenhum golpe feroz arrefece”. Pode ser que um monstro de tamanha envergadura carregue muitas decepções, não tanto por incompetência própria ou por astúcia dos adversários, mas por conta da largueza dos sonhos. E quando Darcy comenta os seus fracassos, sabemos bem como conclui seu lamento, dizendo-nos que “detestaria estar no lugar dos que o venceram”.

O que não se concede a uma alma artística é trair a sua índole, é estar aquém da sua natureza. Não tem escolha senão a de se lançar e se arriscar de modo radical, senão criar. Não há ser que mais se exponha e se doe do que uma alma artística, mestra que é dos seus *fazimentos*. Uma alma longe de ser pura, mas sempre propositiva. É ciosa de si e raramente se arrepende do que faz, como Darcy, que disse repetir tudo se lhe fosse dado viver novamente². Uma alma artística está posta *para* a plenitude na medida em que é do seu feitio desaguar em feitos vigorosos, eis o sentido de sua eternidade. Plenitude nada tem a ver com perfeição ou sucesso prático. Uma vida seria patética se não carregasse desconexões, incompetências, imperfeições, fracassos. A inteireza artística se faz no solo da inquietude, inquietude vertida em experiências abusadas.

Em qualquer uma das “peles” que assume – o etnólogo, o educador, o político, o escritor –, em todas elas Darcy se imprime com uma mescla de sensibilidade, revolta, sonho, encanto, molecagem. As várias peles de Darcy se comunicam, se entrecruzam – é a pele do etnólogo que recobre o romancista de *Maira*, que por

2 *O Brasil como problema*, p.311.

sua vez recobre a do intelectual crítico de escrita estilizada, que vai se estender sobre a epiderme do político que concebe escolas e universidades, e todos os recobrimentos perfazendo dobras e se afetando, em desfazimentos e refazimentos de contatos, semelhantes ao caráter do povo que Darcy deveras ama e no qual reconhece a potência da mestiçagem, da mistura, do amálgama, da feijoada e do mexido como derradeira virtude e promessa de futuro. Não se trata de fazer romances antropológicos ou de se colocarem ficções na prática intelectual ou fazer uma política intelectualizada. Não se devem confundir os ofícios, e sim mergulhar profundamente em cada fazer. Mais precisamente trata-se de aliançar sensibilidades: ser romancista e político em ciência e ser etnólogo em política. Misturar sem confundir. Contaminar os terrenos, cruzar as referências, convergir olhares, friccionar as peles, a ponto de o pensamento ganhar estilo e desencaixes, e o agir se desenrolar com inteligência e paixão.

O caráter da mestiçagem se verifica igualmente no intelectual engajado que não admite neutralidade de valores e posições em nome de logicismos ou academicismos quaisquer, sobretudo em face de uma realidade nacional a gritar por transformações e exigir ações corajosas. Também se vê a mestiçagem no interior do ofício propriamente intelectual, sendo Darcy capaz de praticar, com rara competência, as três perspectivas de conhecimento que compõem o campo das ciências sociais: a antropologia, a sociologia e a ciência política. Afinal, quem ousa excluir qualquer um desses saberes de estudos da magnitude de *O processo civilizatório* e *O povo brasileiro*? Lá estão os três.

Uma centralidade pulsante parece garantir a presença artística como integridade exaltada no mundo, donde advêm a excentricidade do homem, o fulgor e a magia de suas condutas e criações. O centro é uma garantia de entrega em tudo que se faz. E assim vive Darcy, centrado e prenhe de vida, radical, desaguando em corpo e alma por meio dos seus fazimentos políticos, conceituais e literários. Porém, não sendo um ponto fixo, o centro mais se assemelha a uma bússola de múltiplos nortes. Darcy, que partiu do Norte de Minas, traçou rumos conforme uma firmeza intuitiva antes de ser um projeto pensado.

Como artista da vida, Darcy tem consciência de que toda criação é um parto, mas cada parto, um grande gozo. O criador não busca a comodidade exatamente porque ele quer gozar, e por isso mesmo dá atenção secundária ao burocrático e ao normal, sabendo que manter-se igual é o que a vida menos quer. As vidas resistem e se fortalecem, não primeiramente para se perpetuarem em códigos de uma linhagem qualquer, mas para que a vontade, a comida, as comichões e os prazeres não acabem. Ao modo de Darcy, viver verdadeiramente é festejar ao ponto de não se ocupar tanto com as opiniões e os juízos. E se um homem diz a si mesmo “não, *ainda* não posso morrer” e decide escapar do hospital desobedecendo às prescrições médicas, é porque usufrui autonomia e sente que tem algo de grande por concluir.

O testemunho vivo que Darcy nos lega é o de alma pautada por uma relação intensa, inquieta, marcante, sensível, imaginativa e, acima de tudo, gozosa com a vida. E por falar em vida gozosa, vamos direto ao coração da coisa: as mulheres e o sexo, uma constante na obra e na vida de Darcy. Está presente na visão dos primeiros colonizadores como uma minoria de machos solteiros e fornicadores,

nas aventuras luxuriosas de suas personagens literárias (Maíra, Gê – em *Migo* – e o Mulo), nas *Confissões* sobre as mulheres que amou – como Fá, tão mais nova, que ele chamava de “Solzinho”³ –, amores nem platônicos nem tão românticos, mas em carne viva, ardente, tocada, esquadrinhada. Os prazeres da carne, motivo maior pelo qual, Darcy nos confessa, ele gostaria de “viver mais e mais. Viver jovem, tesudo, seduzido, seduzindo. Quem me dera”.⁴ O amor às mulheres e o sexo com as mulheres é o que de mais gozoso a vida lhe dera, não só pela materialização do prazer, mas pelos desajuízos da ardência erótica diante de moralismos e mesmo de compromissos.

O tesão era tamanho que Darcy descarregou até em poemas, e dos quentes, como *Pavana para minha putana*:⁵

Plange, língua de falar.
 Fale, cante, exulte.
 Diga sem rodeios.
 Gosto demais de mim e dela,
 Desavergonhadamente.
 (...)
 Comer com minha boca tua boca.
 Cheiras com minhas ventas
 Teus odores catíngentos,
 Olhar com meus olhos de ver.
 Vendo você me ver, dengosa.
 (...)
 Oh! Amar você com meu santo
 Sacrossanto pau de amar.
 Gozando meu gozo, teu gozo.
 Engalanados nós dois,
 Cantando a alegria de amar.

Ave, Paloma sacrílega.
 Sacerdotisa divina do pecado.
 Virgem inviolada, Puta pura.
 Boa sorvedoura de jarros de porra.
 Profetiza de prodígios. Salve.

A existência pulsante e criativa de Darcy nos esclarece que a realidade não é uma nem restrita ao factual, mas contém múltiplas possibilidades de experiência e de entendimento, de sentimento e de expressão. Ajuda-nos a escapar do logicismo da

3 *Confissões*, p.558.

4 *Idem*, p. 550.

5 *Idem*, p.565-566.

realidade comungado na cultura ocidental e perceber que criar é tão natural quanto somar dois mais dois. Realizações artísticas, como as universidades, os livros e as lutas empreendidas, nunca são meras ficções ou, menos ainda, simples encomendas. São projeções e configurações de novas realidades. A ponto de o próprio homem se tornar realidade, ou seja, fazer-se presença com o dom de afeto e memória.

Darcy nunca deixa de ser um homem de utopias, mas as concebe como concretização do improvável, do desacreditado, do efetivamente novo. Como criador de perspectivas, ou seja, artisticamente, é que ele ama o Brasil e o seu povo – os seus amores mais sublimes –, dedicando-se integralmente às causas ligadas ao destino do seu país, em reflexão e ação. Quando escreve em *O povo brasileiro* que o Brasil é uma pátria do “futuro”, que saberá sair do atraso e do fracasso para se “inventar”, é o coração do artista que parece falar acima da mente do intelectual engajado ou do político devotado. Pois é preciso sensibilidade, para além de otimismo, para se acreditar que a “Nova Roma tropical” será “mais alegre, porque mais sofrida. Melhor, porque incorpora em si mais humanidades. Mais generosa, porque aberta à convivência com todas as raças e todas as culturas”, conforme profetiza Darcy.⁶ As qualidades reconhecidas entre os índios, após longa estada com eles na Amazônia, a saber, a capacidade para a beleza, a solidariedade e a alegria, podem ser perfeitamente transmutadas em virtuosidades de uma alma artística, a qual, por ser mais do sim do que do não, mais propositiva do que desafeta, traz em si as potências do amor e da paz. A luta revolta de Darcy contra a Direita e os poderes econômicos era decorrência de ele estar a favor dos seus sonhos, por isso uma postura admiravelmente serena em meio à contundência.

Sobre o Brasil – o seu sonho desperto, a sua simbologia encarnada, a sua causa insone –, Darcy compreende o país como sendo, originalmente, a terra de um povo rejeitado pelo pai (que era português, o “outro”) e de mãe insignificante (que era índia, o “recipiente”), os chamados mamelucos ou “brasilíndios”,⁷ um povo desde a origem colonizado, dominado, extorquido, castigado, um povo espremido por um “moinho de gastar gente”,⁸ ininterruptamente ativa há mais de cinco séculos, mas igualmente um povo solto, aberto e um tanto sem lei, um povo do quase, um quase-povo, que não padece dos seus defeitos culturais (indisciplina, malemolência, desordem) quanto de uma estrutura social profundamente desigual e cruel, um povo que é quase um milagre ao habitar uma terra tão ampla e bem delimitada e por falar uma só língua, sem dialetos, tudo isso em meio a uma multiplicidade de influências e presenças, um povo cuja única chance é criar-se como um “novo gênero de gentes” e uma nova forma de sociedade, desafiado a superar sua “ninguendade”, um povo voltado para o futuro, donde também a naturalidade e a necessidade das nossas utopias, enfim, “um povo em si” impelido a ser “povo para si”.⁹ Essa compreensão, acalorada por um profundo amor à causa-Brasil, leva Darcy a declarar o nosso país “a mais bela e luminosa província da Terra”.¹⁰

6 *O povo brasileiro*, p.449.

7 *O povo brasileiro*, p.108.

8 *O Brasil como problema*, p.265.

9 *O povo brasileiro*, p.447.

10 *Idem*, p.449.

Podemos julgar que o Mestre pesou no sentimento e na pena, nós que nos encontramos desencantados diante da imagem de um Brasil-país-gigante-para frente, imagem outrora tão ingênua e atraente, sonho futurista nascido no seio de ditaduras, atrasos e anseios de superação. De fato, na medida em que a nossa realidade se mostra anacrônica e repetitiva, do ponto de vista das mazelas políticas e sociais, junto vai-se desbotando a crença em um futuro agigantado. Ao que parece, alimentamos decepções de sobra para não cultivarmos descrenças. E o pior: nossa mestiçagem não nos livra da “vida de gado”; antes, ao contrário, ela lhe é favorável. Seguimos sendo um rebanho de vira-latas. Nosso povo tende a não confiar no tipo “brasileiro”. Não teria sido o ranço antropológico, de buscar o genuíno na cultura, o que leva Darcy a distinguir no povo brasileiro um caráter positivo, a despeito das decepções?

Porém Darcy, homem de ação que é, que vive para a política (e não da política), ou seja, como alguém que assume o desafio de pensar e intervir na condução do destino de um povo, talvez ele nos provocasse: “Peraí, que ladainha é essa de futuro perdido? Nós nunca fomos chorões. Sofridos sim, complexados muitas vezes, mas chorões, prá baixo, nunca fomos”. Nossa formação miscigenada, nossa tessitura singular, nossa mente antropofágica, nossa inclinação macunaímica, nosso espírito carnavalesco, nossas extensões fecundas, nossa vida tropical, tudo isso conspira contra o pessimismo e o desânimo. Não que Darcy seja um otimista empedernido. Não é o caso. Quem mergulha na história secular desse país onde impera a ganância das gentes simples e trabalhadora, roubos, autoritarismos e violências endêmicos, um país que teima “em não dar certo”, quem encara de frente nossa formação e atualidade é inevitavelmente assolado por tristezas e desencantos. Mas, daí, jogar a toalha, jamais. Darcy é um “homem de causas”, como certa vez se definiu. Uma alma apaixonada. E todas as suas grandes paixões associam-se ao Brasil. Portanto, desistir do Brasil, antes a morte. Porque não nos resta outra escolha política que não sonhar com gana e pôr as mãos à obra.

Mais do que mestiço, nosso sangue é a mestiçagem, nosso sangue é cultura, assim rejubila Darcy, como artista que mistura sua alegria ao mundo. A mestiçagem circulando por capitânicas, cruzando frentes de expansão, misturado feromônios, abarcando diferenças, amalgamando uma identidade tão diáfana quanto abrangente, de um povo posto entre a perdição e a redenção. Nosso povo, a mística gozosa de Darcy.

O sol – que para nós, de Moc¹¹, é tão íntimo e caloroso –, fonte térmica de vida e morte, é uma metáfora do amor maior. O astro solar se doa por incontinência energética. Realizar as forças é o modo do amor artístico, o *amor das sensibilidades extremadas*, sempre vulcânico, exagerado, incondicional. Não é, pois, de se estranhar que no auge da autoestima uma alma artística se sinta como que predestinada, um acaso feliz, um verdadeiro acontecimento. Disso deriva certa megalomania, ressonância de um egoísmo espontâneo e da exigência de se redobrar em meio aos arroubos e às perturbações. (Darcy, lembrando a tarefa árdua que foi a escrita de *O processo civilizatório*, comenta que a obra foi criticada pela arrogância do autor em querer refundar a teoria da cultura com pretensões universais, ao

11 Moc é o tratamento carinhoso com que os habitantes de Montes Claros, terra natal de Darcy, costumam chamar a cidade.

que ele responde: “o diabo é que queria mesmo”). O que Darcy não aceitava era incorporar o nosso complexo de inferioridade. É claro que a megalomania pode conter uma boa dose de vaidade e narcisismo, mas não seriam suficientes se não fosse o culhão d’alma. Personagens tais não são indivíduos sortudos, ainda que possam parecer casuais os encontros e as oportunidades que se abrem. O que há de mais decisivo é uma alma-corpo trabalhando intensamente, exalando um vapor caloroso, cuja comunicação com o mundo não pode ser compreendida senão *a posteriori*, condensando-se em amizades, projetos, oportunidades, desafios.

Um homem de variadas paixões e de espírito nômade. Do ventre da mãe Mestra Fininha, foi parido em Montes Claros sem jamais ali se conter. Darcy é do mundo, mesmo que as causas, o nomadismo, as inquietações político-intelectuais e a carne tesuda não possam ser devidamente compreendidas sem a atmosfera do sertão, territorialidade tão erma, venturosa, selvagem, cruel, devota, baiana, mestiça, sagrado-profana, templo apropriado a uma “sacerdotisa divina do pecado”, ermo alegre, cantante e repleto de “casas de putas”, como nos é dito em *Confissão*. Mas, repita-se, sua alma não pertence a Montes Claros, muito menos a Minas. É flagrante o contraste da sua personalidade falante e extrovertida com o tipo mineiro, reconhecidamente mais recolhido, silencioso, desconfiado. Darcy é um amor parido para o Brasil e o mundo. É um espírito universal, da estirpe de Guimarães Rosa, o que nos confirma o quanto o sertão gera de universais, posto que prenhe do elemento humano.

Quem sabe, então, não foi o sol esplendoroso de Moc que ferveu a moleira do menino e fez-lhe a mente tão borbulhante, quiçá um tanto delirante e lunática; quem sabe a estrela calorenta do sertão lhe fez amar a sua “Solzinho”; quem sabe o astro inclemente tem lá sua parcela de razão no fazimento dessa iluminura e amorosidade de alma chamada Darcy Ribeiro. Alma que certa vez aconselhou aos jovens não “respeitem os pais, por estarem recebendo deles um Brasil muito feio e injusto”.¹² E, paradoxalmente, talvez hoje, em tempos globalizados e de estranhas incertezas, estejamos diante do desafio de superar uma herança, a faceta política da esquerda tradicional, atrelada ao Estado e à Nação, da qual Darcy faz parte. O mais valioso, pois, não é necessariamente nos orientarmos pelos sonhos de Darcy – ou de qualquer outra alma extraordinária –, que podem ter lá seu prazo de validade histórica ou ser objeto de ceticismo e até discordâncias. Porém, perderíamos se prescindíssemos do exemplo de Darcy; esse não pode nem deve ser superado. Temos muito a aprender com o seu maior legado, o que ele nos dá de mais pleno, que transcende ideias e posições políticas, para se eternizar como um exemplar de alegria e originalidade na vida. O que nos vale eternamente na figura de Darcy é a sua inteireza e a sua marca, a capacidade de fazer da vida a grande causa. Isso é imperdível.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Ribeiro, Darcy. *O povo brasileiro*. São Paulo: Cia das Letras, 1995.

_____. *O Brasil como problema*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.

¹² *O Brasil como problema*, p.263.

_____. *Confissões*. Cia das Letras, 1997.

Renarde Freire Nobre

Professor associado do Departamento de Sociologia da Universidade Federal de Minas Gerais. Doutor em Sociologia pela Universidade de São Paulo e pós-doutor em Filosofia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro.